



COLABORAÇÃO ESPECIAL

A FESTA COSME E DAMIÃO NO ESPÍRITO SANTO: OS IBEJIS CAPIXABAS

Felipe de Souza Fernandez

Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS- Ufes), onde realiza o doutorado. É membro do Laboratório de História Regional do Espírito Santo e Conexões Atlânticas (LACES-Ufes). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Este ensaio, de caráter de História Pública, foi ensejado pela sociedade civil organizada na Associação de Moradores do Centro de Vitória (Amacentro), de modo a valorizar a prática religiosa festiva local.



Resumo

O ensaio explora a festa de São Cosme e Damião no Espírito Santo, destacando suas origens hagiográficas na Igreja Católica Romana com sua ligação afro-religiosas e o papel de Edivan Alves como continuador de uma tradição cultural secular. A festividade, fruto do sincretismo entre o cristianismo e o culto aos Ibejis, reflete práticas religiosas e culturais preservadas por afrodescendentes no estado, como oferendas e celebrações populares. Desde o período colonial, essas manifestações atuaram como forma de resistência e preservação da memória ancestral. Em Vitória, as festividades incluem práticas comunitárias que se conectam ao legado histórico das comunidades afro-brasileiras, consolidando-se como parte do patrimônio imaterial capixaba. Edivan Alves perpetua essa tradição ao promover a festa na Praça Costa Pereira, reforçando a continuidade de uma prática que reafirma identidades, solidariedade e a relevância das tradições afro-religiosas na sociedade capixaba.

Abstract

The essay explores the feast of São Cosme e Damião in Espírito Santo, highlighting its hagiographic origins in the Roman Catholic Church with its Afro-religious connection and the role of Edivan Alves as a continuator of a centuries-old cultural tradition. The festival, the result of syncretism between Christianity and the cult of the Ibejis, reflects religious and cultural practices preserved by Afro-descendants in the state, such as offerings and popular celebrations. Since the colonial period, these manifestations have acted as a form of resistance and preservation of ancestral memory. In Vitória, the festivities include community practices that are connected to the historical legacy of Afro-Brazilian communities, consolidating themselves as part of Espírito Santo's intangible heritage. Edivan Alves perpetuates this tradition by promoting the festival in Costa Pereira Square, reinforcing the continuity of a practice that reaffirms identities, solidarity and the relevance of Afro-religious traditions in Espírito Santo society.

*Ê Cosme, ê Cosme
Damião mandou chamar
Que viesse nas carreiras
Para brincar com Yemanjá*

*Cosme e Damião vêm comer seu caruru
Cosme e Damião vêm, que tem caruru pra tu
(Mariene de Castro (intérprete)
Cantigas para São Cosme e Damião)*

A hagiografia católica de São Cosme e Damião apresenta algumas lacunas. No entanto, por meio da arqueologia e das datas de seu martírio, é possível saber que os irmãos nasceram na região de Ciro, na atual Síria, no século III (DIAS, 2014a, p. 8-9).

Esses dois santos, filhos de Teódota, uma cristã da comunidade primitiva, foram formados na religiosidade baseada na fraternidade. Consequentemente, praticavam a medicina com conhecimento popular, curando sem cobrar nada. Por isso, foram conhecidos como anárgiros, em oposição à medicina regular do Império Romano. Esse testemunho de fé e caridade pela região da Ásia Menor fez com que muitas pessoas se convertessem ao cristianismo. No entanto, “não passaram despercebidos aos inimigos da fé cristã” (DIAS, 2014b, p. 7). Denunciados pelo procônsul Lísias, acusados de serem “inimigos dos deuses”, foram mortos por ordem do imperador Diocleciano (243-311) por romperem com as práticas religiosas do Império Romano e perpetuarem sua fé. Seu martírio pela não abdicção de sua fé cristã foi lembrado pelos cristãos.

Com a transição religiosa do Império Romano ao cristianismo, no Concílio de Éfeso (431), desenvolveu-se o culto aos irmãos Cosme e Damião na parte oriental, com a construção de igrejas dedicadas a esses santos. Posteriormente, no século V, o papa Félix IV constituiu a Basílica de SS Cosme e Damião em Roma, trasladando os supostos restos mortais para esse templo em 27 de setembro do ano 500, data que ficou marcada na prática popular, apesar da alteração no calendário oficial da Igreja Católica para o dia 26 de setembro em 1956 (DIAS, 2014b, p. 41). Logo, seu culto se expandiu para toda a Europa Ocidental. Em Portugal, diz Carvalho, há registros do seu culto an-

tes mesmo da formação do Estado português (apud DIAS, 2014a, p. 46-48).

Antes da devoção aos irmãos ao território português, e posteriormente ao Brasil, é interessante notar que o culto a irmãos é comum em muitas culturas antigas. Inclusive, seu culto inicialmente competia com o culto pagão de Castor e Pólux em Roma, ambos ligados à cura. Assim, uma das bases do sincretismo que ocorreria com os Ibeji, de origem africana (iorubá), no Brasil está historicamente relacionada ao processo de sociedades intercambiarem seus modos de interpretar o mundo com seus símbolos ancestrais, como afirma Iwashita (apud DIAS, 2014b, p. 40), possibilitando “a experiência humana, no seu sentido profundo e existencial”.

Em Portugal, nos séculos XII e XIII, o culto de Cosme e Damião se associou às confrarias médicas. Assim, foi enraizado na cultura católica portuguesa e transferido para a colônia ultramarina na América Portuguesa.

Na América, a primeira menção ao culto de São Cosme e Damião ocorre na capitania de Pernambuco, em Igarassu, após a vitória dos portugueses contra os indígenas caetés. No dia 27 de setembro, data dos santos, foi fundada uma igreja em sua homenagem em 1535, custeada pelo capitão Afonso Gonçalves. Esta é a igreja mais antiga do atual território brasileiro (DIAS, 2014a, p. 9).

Durante o período colonial, os santos foram ressignificados pelos escravizados africanos, que, para evitar repressões ao culto dos Ibeji, realizaram um sincretismo com Cosme e Damião. Este sincretismo se manifestou especialmente nos polos de maior escravização negra: Recife, Salvador e seu recôncavo, e o Rio de Janeiro.

No Espírito Santo, desde pelo menos 1621, foi constatado o comércio direto de escravizados africanos. Contudo, há registros da presença de colonizados europeus em posse de pessoas africanas na capitania desde 1550 (Maciel, 2016, p. 64). Esse comércio não foi interrompido, mesmo após a formação do Brasil Império. Com as restrições ao tráfico de seres humanos no século XIX, ocorreu um movimento migratório interprovincial: escravizados de Minas Gerais foram

levados para a região sul do Espírito Santo, especialmente para as fazendas de café em expansão em Cachoeiro de Itapemirim. Esses também foram destinados à capital, Vitória, nestes dois casos a presença maior eram de bantus. No norte da província, o porto de São Mateus recebeu grande parte dos escravizados provenientes da Bahia, em sua maioria haussás, iorubás e outras etnias de origem sudanesa (Saletto apud Maciel, 2016, p. 76).

As práticas religiosas desenvolvidas pela resistência africana no Espírito Santo foram se amalgamando com as tradições religiosas das comunidades vindas de outras províncias. Apesar da escassez de informações precisas, Cleber Maciel aponta que a maioria dos africanos no Espírito Santo era de origem bantu, embora reconheça também a influência de etnias sudanesas. Segundo o autor, essas comunidades utilizaram a religião dos colonizadores como forma de resistência: “sob o manto dos santos católicos preservaram-se muitas vidas e muito da memória africana. Sob o manto dos Orixás preservou-se a integridade do ser africano” (Maciel, 1992, p. 47).

Desde os quilombos até os sincretismos religiosos, as práticas de resistência deram origem a manifestações como o Ticumbi, a festa de São Benedito, a folia de reis e as congadas. Essas práticas foram formas de preservar e reorganizar comunidades de diferentes povos africanos que estavam sujeitos à opressão. No Espírito Santo, uma das manifestações culturais religiosas de grande interesse é a Cabula, registrada nas regiões de Conceição da Barra e São Mateus. Um dos seus rituais era dedicado a São Cosme e Damião, conforme relato do bispo João Batista Nery no início do século XX. Infelizmente, a visão racista do bispo, que condenava essa religião, limitou o registro de informações mais detalhadas sobre sua prática (Maciel, 1992, p. 52-53).

Apesar disso, é evidente que o sincretismo e a apropriação religiosa pelas comunidades afro-capixabas são práticas centenárias, especialmente na veneração aos santos curandeiros. Essa devoção afro-capixaba encontra continuidade no norte do Espírito Santo, como no Jongo de São Cosme e Damião, praticado pela comunidade quilombola de Porto Grande,

em Conceição da Barra, conforme constatado por Osvaldo Martins Oliveira (apud Maciel, 2016, p. 207).

Deste modo, seguindo a compreensão da raiz africana da festa, é preciso entender o que são os Ibeji. A palavra advém do iorubá: “ìbì” significa parto e “èjì” significa dois (Cacciatore, 1988, p. 141). Eles também são interpretados como erês, espíritos de crianças, que representam a perpetuação da comunidade e o laço de coparticipação.

Assim, frente ao desarraigamento forçado, os escravizados estabeleceram uma relação de resistência identitária, utilizando os cultos afro-brasileiros como espaços de preservação da memória e da ancestralidade. A música, a dança e a alimentação nesses cultos foram, e ainda são, mecanismos que viabilizam essa continuidade ancestral.

Na prática desses cultos no Brasil, o sincretismo se manifesta na oferta de alimentos às crianças no dia 27 de setembro, visto serem os erês personificados em crianças, ainda há o Doum que de acordo com Menezes, Freitas e Bartólo (2021, p. 22) é o “irmão mais novo, miniaturizado, aquele que, pelas tradições iorubanas, seria Idowu, o terceiro filho que tem que nascer após um parto duplo, para que a mãe não enlouqueça”. Em Recife e, principalmente, em Salvador, o caruru — prato com quiabo e camarão — é servido junto a acarajé, abará, vatapá, xinxim de galinha, farofa, rapadura, cana-de-açúcar, pipoca. Como dizia Jorge Amado, os Ibejis são “amigos da boa mesa baiana” (apud DIAS, 2014b, p. 29). Já no Rio de Janeiro, a principal atividade é a doação das famosas sacolinhas listradas de verde e branco de Cosme e Damião.

Em Vitória, visto que era praticado de forma sincrética pelas comunidades afro-diaspóricas, possuía assim a festividade um caráter popular. Durante a Guerra Constitucionalista de 1932, entre os paulistas e o governo federal de Vargas, o jornal *Diário da Manhã* (p. 3) anunciava uma ladainha para São Cosme e Damião, convocada por Deolinda Arruda e seus filhos, que convidavam “pessoas amigas” para participar na igreja de São Gonçalo. A ladainha era dedicada à paz no Brasil e aos soldados capixabas do 3º B.C.

Já o jornal *Folha do Povo* de 27 de setembro de 1952 informava um “Saravá S. Cosme e S. Damião” rea-

lizado tanto em igrejas quanto em lares e terreiros de Umbanda. A festividade católica e a festa de “Do’um” coexistiam, o que reflete a conquista da liberdade religiosa garantida na Constituição de 1946, uma luta encabeçada pelo então deputado Jorge Amado (UFRGS, 2018). A notícia ainda mencionava que as rádios locais foram tomadas por dedicatórias aos santos e que os terreiros de Umbanda de Vitória estavam engalanados para um dos seus mais importantes cerimoniais anuais, consagrados aos prediletos do seu culto.

Esta festividade aos santos curandeiros possuía tom festivo em Vitória, como anunciado na Folha Capixaba de 21 de setembro de 1957, o clube Centenário F.C., agremiação esportiva e recreativa no bairro Praia do Canto, indo não apenas no dia 27, como nos dias 28 e 29 grandes festejos, com shows artísticos e um “monumental domingo esportivo”. Assim, a festividade estava inserida na cultura capixaba, como momento de benfazejo.

Na década de 1980, os relatos de doação de doces e alimentos por devotos por São Cosme e Damião foram constados pelo historiador Maciel, no jornal A Tribuna de 27 de setembro de 1988 foi relatado o caso de Judith Francisco de Oliveira que por uma graça obtida há 34 anos, distribuiu três mil sacolas de balas e 300 marmitas, no bairro Caratoíra, localizado na região central de Vitória (1992, p. 194-195).

Deste modo, a festividade de São Cosme e Damião tem um caráter popular e sincrético, profundamente arraigado na cultura capixaba, para não dizer afro-capixaba. Ela é comemorada tanto à “moda carioca”, com a distribuição das sacolinhas de guloseimas, quanto na prática umbandista/candomblecista, com a oferta de alimentos no dia 27 de setembro.

Atualmente, uma das mais tradicionais festas de cunho afro-religioso em Vitória é realizada por Edivan Alves, um soteropolitano que há 26 anos promove a festividade. Vendedor de acarajé na barraca “Axé da Bahia”, ele oferece pratos típicos como vata-pá, caruru, xinxim de galinha, arroz branco, pipoca e doces. De acordo com Edivan, ele prometeu que, se sua condição financeira melhorasse, serviria comida

para sete crianças durante sete anos (GAZETA, 2021).

Essa prática não é apenas individual, pois envolve diversos terreiros e lares de Umbanda e Candomblé de Vitória. Edivan Alves é membro do Centro Mãe Beata em Salvador (GAZETA, 2001), e sua prática está ligada à oferta de alimentos, conectando o presente ao culto aos antepassados. A comida, no Candomblé, é um elo entre gerações, sendo uma prática oferecer alimentos a uma roda de sete meninos (DIAS, 2014a, p. 29).

Em suma, a festa de São Cosme e Damião na Praça Costa Pereira é uma perpetuação de um patrimônio imaterial de grande parte da sociedade capixaba e brasileira, manifestando-se em espaços públicos como um momento privilegiado, considerando que historicamente esses cultos foram perseguidos no Brasil e, mesmo histórias da celebração aos Santos e aos Ibejis não teve estudo aprofundado no Espírito Santo. Ela também possibilita a afirmação de identidades, memórias e solidariedade entre os participantes da comunidade do Centro Histórico de Vitória.

Referências - Fontes Primárias

CRUZ, Glauber. #HumanistaConfere Jorge Amado foi autor de emenda favorável a liberdade de Culto. <Humanista>, 2018. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/humanista/2018/11/09/jorge-amado-emenda-liberdade-de-culto/>. Acesso em: 18 de set. de 2024.

FESTA no Centenário. **Folha Capixaba**: Defesa da Terra e do Povo Capixaba. 21 de setembro de 1957.

FRUTO de promessa, evento distribui 5 mil acarajés em Vitória. **A Gazeta**, Vitória, 27 set. 2021. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/fruto-de-promessa-evento-distribui-5-mil-acarajes-em-vitoria-0921>. Acesso em: 18 set. 2024.

LADAINHA S. Cosme e Damião. **Diário da Manhã**. 25 de setembro de 1932.

SARAVÁ S. Cosme e S. Damião. **Folha do Povo**. Vitória, 27 set. de 1952, Ano 1, Nº 190.

TOQUE baiano na comemoração no Centro de Vitória. **A Gazeta**, Vitória, 28 set. 2001.

Leituras

CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**: com a indicação da origem das palavras. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

DIAS, Júlio César Tavares. Doce de Cosme e Damião: considerações sobre um caso de Sincretismo. **Revista Diálogos**, nº 11 – Abr/Mai. 2004. (a)

DIAS, Júlio Cesar Tavares. 2014. As origens do culto de Cosme e Damião. **Sacrilegens**, v.11, n.1: 36-57. (b)

MACIEL, Cleber. **Negros no Espírito Santo**. Vitória: DEC/SPDC/UFES, 1994.

MACIEL, Cleber. **Candomblé e Umbanda no Espírito Santo**: práticas culturais religiosas afro-capixabas. Vitória-ES: DEC/UFES, 1992.

MENEZES, Renata. **Doces santos**. Rio de Janeiro, RJ: Museu Nacional, 2021. (Série Livros Digital).



